

É Proibido Bater Tambor. Candomblé em Feira de Santana (1891 -1940)

Autor¹; Autor²;

1. Gabriela do Nascimento Silva, graduanda em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: gabrielan.silva@hotmail.com;
2. Orientadora Elizete da Silva, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: cliosilva@yahoo.com.br;
3. Participante do Núcleo CPR (Centro de Pesquisa da Religião).

Palavras-chave: Feira de Santana, Candomblé, Progresso.

Introdução:

O presente trabalho pretende abordar como ocorreu a repressão às casas de Candomblé na cidade de Feira de Santana durante a Primeira República, haja vista que em todo o Brasil foi recorrente a perseguição aos cultos religiosos afro-brasileiros, encontrando no município especificidades passíveis de discussão e análise. O que podemos notar analisando jornais, livros e discursos da época é que a prática do Candomblé, era vista com maus olhos pela elite nacional, é comum encontrarmos denúncias contra terreiros, alegando que os adeptos abusavam da ignorância ou ingenuidade dos frequentadores das casas. As religiões afro-brasileiras eram vistas como símbolo de atraso para uma sociedade que almejava um ritmo acelerado de civilização e progresso.

No que se refere à Feira de Santana, esta se tornou município em 1873, a região já era ponto de parada de tropeiros e viajantes, motivo este que levou a um maior desenvolvimento da cidade. O município em plena ascensão econômica e urbana buscava inspiração para seu progresso nos modelos vindos de Salvador, Rio de Janeiro, e outras cidades consideradas desenvolvidas que lhe proporcionassem uma base para a ostentação da elite local. Os jornais locais da época ajudam a perceber esse discurso de desenvolvimento em suas matérias recorrentes que citavam a busca de uma cidade ideal. No período pesquisado é comum encontrar notas que falavam de arborização, iluminação, saúde pública, tudo com o intuito de transformar Feira de Santana numa cidade modelo.

Alguns trabalhos podem elucidar a questão do progresso feirense a exemplo de Clovis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira, *De empório a princesa do sertão*, onde o autor analisa o propalado progresso desejado para a cidade, tendo como ponto perceber as estruturas sociais diante de um novo padrão de cidade; e os estudos de Aldo Jose Moraes Silva *Terra de São natureza e Natureza São, Civilidade e Comércio em Feira de Santana*, onde são analisados os discursos sobre a cidade vista como uma localidade de bons ares para a cura de doenças principalmente respiratórias e como a cidade adotou discursos médicos sanitários como paradigma de pensar o desenvolvimento urbano, os dois autores discutem o desenvolvimento político e social da cidade durante o período, utilizando jornais para demonstrar os ideais de progresso em que estava inserida Feira de Santana de acordo com o tema trabalhado.

No período em que se dá a presente pesquisa, não apenas as capitais do País propagavam um discurso discriminatório e repressivo contra o Candomblé, assim como também as cidades do interior aderiram a esse discurso. O objetivo desse trabalho é analisar como tais conflitos entre os adeptos ao Candomblé e a sociedade se deram em Feira de Santana. Como a cidade recebeu esses ideais de urbanização e modernidade e de que forma esses objetivos tiveram reflexo no culto afro-brasileiro e nos indivíduos seguidores dessa religião.

Quanto à delimitação temporal se refere a um período de mudança no quadro político nacional, alteração que termina sendo refletida em todos os ramos da sociedade que não apenas política, mas também econômica, social, cultural, entre tantos outros aspectos que compõem a estrutura de uma sociedade. A pesquisa começa com a instituição da República no Brasil, a chamada República Velha em 1889, sendo elaborada em 1891 a primeira Constituição brasileira, quando ocorreu a separação entre Estado e Igreja Católica. Nesse sentido podemos

perceber grandes transformações no cenário nacional. Procurando estudar as tentativas de combate as religiões afro-brasileiras e como os fiéis contornavam as perseguições. A pesquisa termina em 1940, período posterior ao I e II Congresso Afro-brasileiro, ocorridos em 1934 e 1937 respectivamente, discutidos pelo antropólogo Júlio Braga em *A Gamela do Feitiço*, onde são debatidos os acontecimentos posteriores aos congressos e os reflexos destes nas comunidades religiosas de matriz africana e na sociedade soteropolitana, servindo como norteador para pensar esses resultados na sociedade feirense.

Metodologia:

O trabalho tem como base a análise de processos crimes que são norteadores de como pensar o procedimento de criminalização do Candomblé no Brasil, tendo em vista perceber o discurso policial no que se refere ao Candomblé no período em questão, foram três os processos até então encontrados no Centro de Documentação (CEDOC) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Processo E: 02. Cx: 45. Doc: 748 - Série: Processo Crime - Sub-série: Curandeirismo - Localidade: Feira de Santana - Período: 1901 - 1902; Processo E: 01; Cx: 14; Doc: 257 - Série: Processo-crime - Subsérie: Denúncia-Curandeirismo - Localidade: Feira de Santana - Distrito: (Mangabeira) Sede - Período: 1902-1903; Processo E: 04; Cx: 110; Doc: 2276 - Série: Processo-crime - Subsérie: Curandeirismo - Localidade: Feira de Santana - Distrito: Bonfim de Feira - Período: 1905. O último processo citado acusa Maria Carolina da Cruz de ter promovido um “Candomblé”, ministrando substâncias nocivas à saúde, que teria alterado de tal modo as funções psicológicas dos que as ingeriram levando-os a travar uma luta na qual morreram quatro pessoas em consequência das graves lesões físicas.

Contíguo com ao exame dos processos há o estudo dos jornais do período, que dão maiores recursos para obter uma melhor percepção de como era representada religião na cidade. Os jornais até então analisados correspondem ao período entre 1892 e 1933, tendo notícias espaçadas dentro deste recorte temporal, as notas estão localizadas nos periódicos Folha do Norte, Gazeta do Povo e Folha Feira. A maioria das publicações compara ou acusa o Candomblé com a bruxaria e feitiçaria, abrindo espaço para a continuação da demonização desta religião no imaginário da sociedade.

Outra fonte de análise para a pesquisa são as poesias de Aloisio Resende, muitas publicadas no jornal Folha do Norte, que fazem referência ao Candomblé e aos orixás. Estes poemas servirão para perceber como a sociedade entendia tal e literatura e como ela era aceita mesmo tratando-se de assuntos que eram colocados como fruto de pessoas incivilizadas, os indivíduos seguidores do Candomblé. Em contraponto à visão de Resende sobre as religiões afro-brasileiras, faz-se necessário analisar obras de Eurico Alves Boaventura, que seguia o caminho inverso, juiz e escritor feirense, que não discutia essa presença negra na sociedade de Feira de Santana.

Verifico com tais fontes que é possível entender como eram representadas as imagens do negro na sociedade feirense, analisando como era que existia a perseguição ao culto de religião afro-brasileira, tanto pela polícia como pelas políticas públicas e percebendo também como reagiram os fiéis das religiões afro-descendentes para manter suas crenças em meio às perseguições.

Discussão:

Dentro do discurso propagado pelos jornais nesse período, o historiador Alberto Heráclito Ferreira Filho, cita que

os jornais, logo nos primeiros anos da República, vão desencadear uma campanha ferrenha contra as casas de Candomblé, mesmo sendo a liberdade de culto uma das prerrogativas salvaguardadas pela avançada Constituição de 1891. Estabelecendo uma campanha sistemática de depreciação às casas de culto, a imprensa insuflou a

arbitrariedade policial contra os terreiros, que teve largo curso na cidade (Afro-Ásia, 21-22, p. 250 - 1998-1999).

A transcrição do Jornal Folha do Norte de 5 de julho de 1930, nos oferece um ponto de partida para analisar como eram vistos os adeptos das religiões de matrizes africanas em Feira de Santana.

Como a policia vareja o candomblé

Prevenida com antecedência por pessoas moradoras na rua denominada Barroquinha, a policia varejou na tarde do dia santo do São Pedro a casa de residência de Rosendo Bahia, em cujo recinto funciona há tempos um candomblé.

De facto essa dança macabra usada nos pijis por pretos intitulos de feiticeiros é digna da repulsa de pessoas civilizadas, e nem se comenta que, numa cidade como é a nossa se consinta na pratica livre de semelhante monstruosidade.

O que, todavia, merece protestado de nossa parte é o modo violento e mais das vezes arbitrário por que age a policia, quando se lhe depara oportunidade de reprimir algum abuso, como sucedeu no dia santo de São Pedro.

Que os srs. Mantenedores da ordem publica varejem as casas de candomblé e recolham, os macumbeiros, á prisão está direito; porém, se espanquem em plena rua creaturas indefesas, não, porque Feira é, antes de tudo, uma cidade civilizada, cujo meio não tolera cenas deponentes de vandalismo.

Continuem os prepostos da policia a perseguir o candomblé, mas, que o façam com um pouco mais de prudência.

Essa reportagem nos mostra como a imprensa na década de 1930, com todos os ditos avanços rumo à modernidade via o Candomblé como um símbolo de atraso e incivilidade. A crítica apresentada no jornal não é ao fato de pessoas serem espancadas, mas que esse espancamento resulte numa mancha na imagem de cidade do progresso de Feira de Santana. A matéria deixa clara a idéia que foi entronizada na população desde os primórdios da escravidão, onde o negro e tudo que pode ser seu reflexo, neste caso sua religiosidade, têm um caráter barbarizado. Como essa reportagem, várias outras notícias são encontradas em que colocam a referida religião como símbolo de ignorância.

Os processos e notícias encontrados até então apresentam o Candomblé no mesmo patamar de bruxarias e feitiçarias, onde as pessoas eram acusadas de ‘práticas de cura’ e charlatanismo, o modo legal encontrado para incriminar tais indivíduos, tendo em vista que a prática religiosa do Candomblé não era mais considerada crime no período em questão.

No jornal de 8 de junho de 1912 aparece uma das raras vezes onde os acusados de práticas ditas ignóbeis tem a chance de defender, a notícia nomeada de *Gonçalo Virginio de Souza ao publico*, onde esse indivíduo alega estar em defesa de sua esposa Maria Candida de Jesus, e conseqüentemente a sua própria, a necessidade dessa justificativa vem da notícia datada de 1 de junho de 1912 sob o título de *Curandeiros em actividade*, onde existia a acusação de que Maria Candida fazia invocações e ministrava beberagens para tratar os mais diversos doentes, Gonçalo declara que ele e a esposa tem quatro filhos e que vivem da lavoura, não deixa de reconhecer que sua esposa aplica remédios vegetais, apenas para conhecidos, mas que por isso nunca recebeu recompensa, o lavrador lembra que é comum o uso de medicamentos vegetais para cura de doenças, utilizando o exemplo de cel. Anisio Araujo, que utilizava a flora medicinal para obter cura. Várias são as reportagens que expunham esses indivíduos acusados de curandeirismo em Feira de Santana.

Conclusão:

A pesquisa até então desenvolvida nos leva a perceber uma forte tentativa de inferiorização da cultura e religiosidade afro-brasileira diante dos padrões ditados pela elite nacional e feirense. A prática do culto afro-brasileiro na cidade de Feira de Santana de acordo com as fontes nos leva a enxergar a violência com que os filhos e filhas-de-santo eram tratados, quer sejam surrados pela polícia, ou vilipendiados do direito de escolha religiosa pela mídia e elite local.

As fontes nos levam a notar uma tentativa de preservação das manifestações religiosas de indivíduos diante de suas práticas, que eram abafadas pela polícia e pelo padrão adotado para referenciar a sociedade feirense, os exemplos citados como o de Maria Candida, demonstram uma resistência, mesmo que enfraquecida, por ser voz única até então encontrada na defesa do direito de poder exercer sua crença. Percebe-se o anseio em continuar acreditando e exercendo as práticas religiosas afro-brasileiras, mesmo com a oposição da elite feirense e seu discurso progressista.

Referências:

- BRAGA, Júlio. **Na Gamela do Feitiço**. Repressão e resistência nos candomblés da Bahia. Salvador, Edufba, 1995.
- BRASIL. **A constituição de 1891**. [Brasília]: PrND, MINTER, 1986.
- FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **“Desafricanizar as ruas: Elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937)”** In: Revista Afro-Ásia. Salvador, 21-22 (1998-1999).
- OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana Moraes. **De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. Dissertação de Mestrado em Historia. Salvador: UFBA, 2000.
- SANTOS, Denilson Lima. **Nas rodas da macumba: os poemas de Aloisio Resende sob o signo da ancestralidade**. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009
- SILVA, Aldo José Moraes. **História, Poesia, Sertão: diálogos com Eurico Alves Boaventura**. (Org.). Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.
- . **Natureza São, Civilidade e Comércio em Feira de Santana: Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833 – 1927)**. Dissertação de Mestrado em Historia. Universidade Federal da Bahia, 2000.
- . **Terra de São natureza: a construção do ideal de cidade saudável em Feira de Santana (1833-1920)**. Monografia de especialização em Teoria e Metodologia da História. Universidade Estadual de Feira de Santana, BA, 1997.
- MORAIS, Ana Angélica Vergne de; PORTO, Cristina de Magalhes; ASSUNCAO, Lucidalva Correia. **Aloisio Resende : poemas: com ensaios críticos e dossiê**. Feira de Santana, Ba, 2000.